

ALÉM DA *TECHNÉ* RETÓRICA: OS ORNAMENTOS E O “VER COM OS OLHOS INCORPÓREOS”

BEYOND THE *TECHNÉ* OF RHETORIC: ORNAMENTATION AND “SEEING WITH INCORPOREAL EYES”

RENATO AMBROSIO*

Resumo: Os ornamentos não aparecem entre as partes nas quais a retórica greco-romana antiga costumava dividir o discurso: *invenção, disposição, elocução, memória e ação*. No entanto, por muito tempo a retórica foi associada a discursos ornamentados e vazios de conteúdo. Neste artigo, a partir das reflexões de alguns retores latinos, se tentará mostrar a importância de um tipo particular de ornamento retórico, a *enérgeia*, e como por meio dela é possível atingir o público do discurso, seja ele oral ou escrito, de uma maneira que vai além das partes canônicas da técnica retórica e além do contexto de sua elaboração.

Palavras-chave: Quintiliano; *Techné*; Retórica; ornamentos.

Abstract: Ornamentation does not appear among the parts into which ancient Greco-Roman rhetoric was accustomed to divide discourse: *invention, disposition, utterance, memory and action*. However rhetoric has, for a long time, been associated with ornate and empty speeches. In this article, starting from the reflections of some Latin rhetoricians, we intend to show the importance of a particular type of rhetorical ornament, the *enérgeia*, and how through this kind of ornamentation it is possible to affect the hearers of a speech, oral or also written, in a way that goes beyond the canonical parts of rhetorical technique and beyond the context of its elaboration.

Keywords: Quintiliano; *Techné*; Rhetoric; Ornaments.

Na retórica antiga a palavra “ornamento” não costumava aparecer, pelo menos não explicitamente, entre as partes do discurso, quer oral, quer escrito.¹ Nem por isso, no entanto, os ornamentos deixam de ter importância para o orador, uma importância que poderia ir além dessas partes, uma vez que formas de ornamento ajudavam a criar novos *tópoi* utilizados em outros

* Universidade Federal da Bahia, Brasil. E-mail: ambrosio_renato@hotmail.com

¹ A retórica antiga costumava preceituar os seguintes passos para a elaboração de um discurso: *inuentio* (invenção), (*dispositio*) disposição, (*elocutio*) elocução, (*memoria*) memória e (*actio*) ação.

contextos do mesmo discurso, ou mesmo outros momentos, em outros contextos e com outros propósitos.

No início do livro VIII, cap. 3 da *Instituição Oratória*, ao começar a tratar do ornamento, Quintiliano escreve que a invenção (*inuentio*) é comum a oradores imperitos, e uma disposição (*dispositio*) conveniente pode ser creditada a oradores de modesta erudição;¹ e se nas outras partes da retórica o orador obtém o consenso dos doutos, com a elegância e o ornamento ele aspira a aprovação popular,² que era muito preciosa aos oradores na Antiguidade Clássica. Para exemplificar o que diz, Quintiliano descreve a reação dos que presenciaram a oração de Cícero em defesa de Caio Cornélio,³ com os seguintes termos.

3 [3] Por ventura, Cícero teria conseguido, na causa de Cornélio, apenas instruindo o juiz em ótimo latim, com precisão, objetividade e muita clareza, que o povo romano manifestasse sua admiração não só por aclamação, mas também com palmas? Sem dúvida alguma foram a sublimidade, a magnificência, o brilho e o vigor de sua eloquência que provocaram aquela explosão. **[4]** Um tão extraordinário enaltecimento não teria sido dado ao orador, se seu discurso tivesse sido apenas usual e semelhante aos outros. E eu creio que aqueles participantes não se deram conta do que estavam fazendo nem aplaudiram por determinação voluntária e racional, mas como mentalmente alienados e ignorando o lugar onde estavam, explodiram nessa manifestação de contentamento.⁴

Com a elegância e o ornamento, portanto, Cícero conseguiu cativar seu público. Capturados pela mente (ou como mentecaptos, que são aqueles que não possuem ou não utilizam a razão, mentalmente desorganizados, sem juízo), nem sabiam mais onde estavam, o que faziam e nem aplaudiam por deliberação própria. É como se ouvissem algo a mais do que estava sendo dito por Cícero aos juízes somente com palavras de modo preciso, útil e

¹ **3 [2]** *Inventio cum imperitis saepe communis, dispositio modicae doctrinae credi potest.*

² *...in ceteris iudicium doctorum, in hoc uero etiam popularem laudem petit...*

³ Gaio Cornélio foi questor no tempo de Pompeu Tribuno da plebe em 67 a.C. Foi acusado de atentar contra o Estado Romano em 63 a.C., e foi então defendido por Cícero.

⁴ **3 [3]** *An in causa C. Corneli Cicero consecutus esset docendo iudicem tantum et utiliter demum ac Latine perspicueque dicendo ut populus Romanus admirationem suam non adclamatione tantum sed etiam plausu confiteretur? Sublimitas profecto et magnificentia et nitor et auctoritas expressit illum fragorem. [4] Nec tam insolita laus esset prosecuta dicentem si usitata et ceteris similis fuisset oratio. Atque ego illos credo qui aderant nec sensisse quid facerent nec sponte iudicioque plausisse, sed uelut mente captos et quo essent in loco ignaros erupisse in hunc uoluptatis adfectum* (Tradução de Bruno Fregni Bassetto).

claramente (*perspicue*). Esse efeito produzido pela oração de Cícero sobre os seus ouvintes, no entanto, não seria possível apenas como uma invenção e uma disposição adequadas, vale dizer, não seria possível apenas com o domínio técnico da construção de cada parte do discurso, que se podem encontrar também entre os oradores imperitos e de pouca erudição, como vimos há pouco. Para atingir seus ouvintes como fez Cícero na citação acima, são necessários a elegância e o ornamento, que estão ligados mais à prática retórica do que à técnica.

É interessante notar na citação de Quintiliano acima, que o que diferencia um grande orador, como Cícero, dos oradores imperitos ou de modesta erudição, não é, portanto, a *techné* oratória, uma boa invenção ou uma disposição conveniente, mas a elegância e o ornamento. Se com a técnica retórica é possível obter o consenso dos doutos, o ornamento e a elegância serve ao orador que busca a aprovação popular, que quer comover aqueles que não são doutos, nem conseguem perceber e apreciar a técnica oratória em ação, o que é imprescindível ao orador. Mais adiante, no livro VIII, no capítulo 3 [61] da *Instituição Oratória*, Quintiliano define ornamento e seus efeitos com os seguintes termos:

3 [61] O adorno consiste no que é mais que o óbvio e que o esperado. Seu primeiro elemento consiste em conceituar o que se quer dizer; o segundo em encontrar as palavras adequadas para expressá-lo; o terceiro aquilo que torne tudo isso mais elegante e que o digas adequadamente aprimorado. Por isso, no rol dos ornamentos coloquemos a *ἐνάρρησιαν* (*enárgeia*), que mencionamos ao tratar das regras da narração, porque é mais que a simples evidência, ou, segundo outros afirmam, é antes colocação diante dos olhos do que transparência: aquela revela, esta de algum modo se mostra. [62]. Grande mérito reside em anunciar os assuntos, de que falamos, de modo tão claro que deem a impressão de ser bem compreensíveis. Realmente o orador não atinge o bastante, nem domina totalmente seu discurso, como deveria, se sua força [apenas] chega até os ouvidos e se o juiz crer que o assunto, sobre o qual irá pronunciar seu julgamento, não lhe é especialmente exposto e não seja bem expresso e mostrado aos olhos da mente.⁵

⁵ **3 [61]** *Ornatum est quod perspicuo ac probabili plus est. Eius primi sunt gradus in eo quod uelis exprimi ***endo, tertius qui haec nitidiora faciat, quod proprie dixeris cultum. Itaque ἐνάρρησιαν, cuius in praeceptis narrationis feci mentionem, quia plus est euidentia uel, ut alii dicunt, repraesentatio quam perspicuitas, et illud patet, hoc se quodam modo ostendit, inter ornamenta ponamus. 62. Magna uirtus res de quibus loquimur clare atque ut cerni uideantur enuntiare. Non enim satis efficit neque, ut debet, plene dominatur oratio si usque*

Assim como no início do capítulo sobre ornamento aparece o advérbio “claramente” (*perspicue*) para indicar as circunstâncias e maneiras que seriam insuficientes para que a oração de Cícero em defesa de Caio Cornélio tivesse o efeito que teve sobre os que a ouviam, agora, nessa definição, o que foi ornado, embelezado, aparece como algo a mais do que é simplesmente claro, evidente, manifesto (*perspicuus*) e provável, plausível, verossímil (*probabilis*). De novo no trecho acima, assim como no trecho anterior, do início do capítulo (VIII, 3, 3), somente enunciar aquilo sobre o que ordenadamente se fala não basta, (assim como, já vimos, as boas invenção e disposição por si só também não bastam) não é suficiente que seja apenas narrado ao juiz aquelas coisas sobre as quais ele deve julgar, se não forem descritas e mostradas aos seus olhos da mente, ou da alma. Se os ouvintes da defesa de Caio Cornélio pareciam ouvir mais do que estava sendo dito, aqui o juiz tem de ver mais do que lhe está sendo dito e narrado. Tem de ver com os olhos da mente (ou da alma). E o que supera a clareza (*perspicuitas*), por meio de descrição viva (*euidentia*) ou de um modo vivo e eficaz de representar uma pessoa, uma situação, oferecendo uma imagem viva delas (*repraesentatio*), Quintiliano denomina de *enárgeia* (*ἐνάργεια*)⁶. Antes mesmo da passagem acima, citando de novo Cícero, Quintiliano já dera uma rápida definição, ou explicação do que seria *enárgeia* em VI, 2, [32] lemos: “**VI, 2, 32.** Vem logo em seguida a *enárgeia*, que Cícero denomina hipotipose e descrição viva, que parece não tanto dizer, mas mostrar; e as comoções se seguem, como se estivéssemos entre as próprias coisas mostradas.”⁷

Na tradição retórica latina, essa concepção de *enárgeia* continua presente por muitos séculos depois de Cícero e Quintiliano. Na edição dos *Rhetores Latini Minores*, del Karl Halm, temos duas rápidas definições de *enárgeia*. Em Santo Isidoro, que viveu entre os séculos VI e VII d.C., na sua obra, *De Rhetorica*, encontramos a seguinte definição: “*Enárgeia* é a exibição, sob nossos olhos, das ações realizadas, ou como se fossem realizadas, da qual

ad aures ualet, atque ea sibi iudex de quibus cognoscit narrari credit, non exprimi et oculis mentis ostendi.

⁶ Entre as possíveis traduções para esse termo encontramos: visão clara e nítida, clareza, evidência, e também, como termo da retórica, descrição ou narração viva e animada.

⁷ *Insequitur enargeia, quae Cicerone illustratio et euidentia nominatur, quae non tam dicere uidetur quam ostendere; et adfectus non aliter, quam si rebus ipsis intersimus, sequentur.* O termo *illustratio*, em retórica, pode ser traduzido por hipotipose, que é a ação de descrever uma cena ou circunstância, utilizando cores intensas, de maneira a fazer com que o ouvinte e/ou leitor tenha a sensação de que as percebe pessoalmente.

nós já falamos.”⁸ E em Júlio Rufiniano, século IV d.C., em suas *De Schematis Dianoetas*, lemos esta outra definição: “*Enárgeia* é a figura pela qual expomos assim aos olhos forma e a imagem das coisas na oração, para que as submetamos aos olhos e à presença do leitor.”⁹ Ainda entre os chamados *Retores latinos menores* encontramos também uma definição de enárgeia, de autor anônimo e período incerto, sob o título *Schemata Dianoetas quae ad rhetores pertinent*. É uma um pouco mais longa e que tem certa semelhança com os termos usados por Quintiliano nos trechos citados acima.

Ἐνάργεια (*enárgeia*) é uma vívida visão que coloca uma ação ou um fato sob olhos incorpóreos, e isso se dá por meio de três modos: pela pessoa, pelo lugar, pelo tempo. Pela pessoa quando falamos com um ausente como se estivesse presente. Como em Virgílio: “Nem tu desaparecerás em nossos versos, Ébalo” (*Aen.*, VII, 733-734). Pelo lugar quando aquele que não está na nossa presença mostramos, tal qual nós mesmos o estivéssemos vendo, como em Virgílio: “Aqui estava a tropa dos Dólopes, aqui era a tenda de Aquiles” (*Aen.*, II, 29). Pelo tempo, quando usamos o tempo passado como se fosse presente, Como em Virgílio: “Aparecem poucos, que nadam no vasto abismo” (*Aen.*, I, 118)¹⁰.

O que nos trechos de Quintiliano citados há pouco ia além do claro e evidente e também do provável e verossímil e que era visto com os olhos da mente (ou da alma), nessas citações extraídas dos “Retores latinos menores” é uma “uma visão” (*imaginatio*¹¹) “que coloca uma ação ou um fato sob olhos incorpóreos” (*incorporeis oculis*), é uma forma de colocar sob nossos olhos as ações realizadas ou como se tivessem sido realizadas, um meio

⁸ *Ἐνάργεια* est rerum gestarum aut quasi gestarum sub oculis inductio, de qua locuti iam sumus. [Tradução nossa]. O termo *inductio* também pode ser traduzido por representação, encenação, e até apresentação na arena. In Karl Halm (ed.). *Rhetores Latini Minores*. Leipzig: Teubner, 1863, p. 521, 2.

⁹ *Ἐνάργεια* est figura, qua formam rerum et imaginem ita oratione substituímus, ut lectoris oculis praesentiaque subiciamus [Tradução nossa]. In Karl Halm (ed.). In *Rhetores Latini Minores*. Leipzig: Teubner, 1863, p. 62,15.

¹⁰ *Ἐνάργεια* est *imaginatio*, quae actum *incorporeis oculis* subicit et fit modis tribus: *persona*, *loco*, *tempore*. *Persona*, cum absentem alloquimur quasi presentem. *Virgilius*: *Nec tu carminibus nostris indictus abibis, Oebale. Loco*, cum eum, qui non est in conspectu nostro tanquam uidentes demonstramus, ut: *Hic Dolopum manus, hic saeuus tendebat Achilles. Tempore*, cum praeterito utimur quasi praesenti, ut: *Apparent rari nantes in gurgite uasto*. [Tradução nossa] in Karl Halm (ed.). In *Rhetores Latini Minores*. Leipzig: Teubner, 1863, p. 71, 1.

¹¹ Outras traduções possíveis para *imaginatio* são: imagem, representação, pensamento, ideia, imaginação, ilusão, visão em sonho.

para colocar na oração e mostrar aos olhos do leitor a forma, a imagem das coisas que narramos ou descrevemos. Além disso, depois de definir enárgeia, as *Schemata Dianoeas quae ad rhetores pertinent* nos trazem uma rápida explicação de como se pode criar esses efeitos. Basicamente por meio do que poderíamos chamar hoje, grosso modo, de *dêixis*, que é, entre outras definições possíveis, a faculdade que tem a linguagem de designar mostrando, em vez de conceituar, por meio de indicadores da subjetividade ou índices da enunciação ou do discurso, como os pronomes pessoais e demonstrativos que indicam lugar, o uso dos tempos verbais e marcadores temporais. De uma certa forma, é também isso que a *enárgeia* consegue fazer: designar algo mostrando, aos olhos incorpóreos (ou da mente, ou da alma) do leitor (ou aos ouvidos dos ouvintes) de um discurso, em vez de simplesmente conceituar ou narrar.

Os exemplos utilizados pelo(s) autor(es) da definição de enárgeia nos *Schemata Dianoeas quae ad rhetores pertinent* foram todos retirados da *Eneida* de Virgílio. Nós abordaremos agora a utilização desse recurso em alguns trechos de obras de outros gênero, na historiografia romana e grega antigas e em uma obra política de Cícero, *De re publica*, nas quais a *enárgeia* aparece em contextos em que os leitores são colocados na posição de personagens que por motivos diferentes não contam com a razão, ou com o pleno uso dela, ou se encontram de algum modo, em graus diferentes, mentalmente desorganizadas e veem também o que não se lhes apresenta aos olhos físicos, veem com seus olhos da mente (ou da alma), seus olhos incorpóreos. Sonhos e momentos cruciais da vida de personagens, e de suas cidades, que de alguma forma, como às vezes nos fazem ver os sonhos, veem com seus olhos incorpóreos muito além do que seus olhos corpóreos poderiam ver.

O diálogo *De re publica* recua no tempo em relação ao momento em que foi escrito. O diálogo se passa em 129 a.C., na casa de Cipião, o Emiliano, ou o Segundo Africano, durante as *feriae latinae*, celebração religiosa em honra de *Iuppiter Lattaris*, realizada anualmente em abril. Trata-se de um efêmero momento de ócio com dignidade em meio a um momento politicamente tempestuoso. Tibério Graco abalara as próprias estruturas da República, a sua unidade e instituições. Empenhado na oposição política ao tribuno, Cipião questiona-se, na companhia de seus amigos, sobre qual seria a melhor ordenação para a República, a melhor forma de governo que conviria a ela.

Participa desse diálogo Lélío¹², entre outros amigos próximos de Cipião, jovens defensores da *doutrina grega* e apaixonados pela cultura.¹³ O sonho de Cipião, que corresponde ao VI e último livro dessa obra, desta foi o que primeiro nos chegou, juntamente como o comentário que lhe dedicou Macróbio, que viveu entre os séculos IV e V d.C. Em 1822, o cardeal Angelo Mai descobriu mais fragmentos ainda legíveis dessa obra em um palimpsesto, sob um texto de Santo Agostinho. O trecho do livro VI denominado tradicionalmente como *Sonho de Cipião* começa com a chegada de Cipião Emiliano¹⁴, em 149 a.C. (vinte anos antes, portanto, da suposta data do diálogo, ambientado, como já foi dito, em 129 a.C.) no reino do rei Massinissa (240-148 a.C.), rei da Numídia, no Norte da África, onde foi bem recebido pelo velho rei. No dia seguinte à sua chegada conversou longamente com o rei, que não falava senão de Públio Cornélio Cipião, o primeiro Africano¹⁵, avô adotivo de Cipião emiliano, com o qual Massinissa tinha colaborado em diversas batalhas. Depois desse encontro com o rei da Numídia, Cipião Emiliano se recolheu, e de tanto ter

¹² Caio Lélío Sapiante, político da *gens* Lélia, foi eleito cônsul em 140 a.C. com Quinto Servílio Cipião. Era filho do fiel companheiro de batalhas de Cipião, o Africano, Caio Lélío. Era migo fiel, militar e politicamente, de Cipião o Emiliano, participou do chamado “Círculo dos Cipiões” e atuou como mecenas de estudiosos, filósofos e historiadores de origem grega, entre eles Políbio e Terêncio. Em sua obra *Laelius De Amicitia*, Cícero apresenta a amizade entre Lélío e Cipião como um paradigma da amizade.

¹³ Jacques Gaillard. *Introdução à literatura latina: das origens a Apuleio*. [Tradução e notas de Cristina Pimentel]. Editorial Inquérito: Mira-Sintra, s./d.

¹⁴ Públio Cornélio Cipião Emiliano Africano (185-129 a.C.), general e político romano, lutou na Terceira Guerra Púnica contra Cartago, destruindo-a depois de três anos de assédio. Também concluiu as guerras contra os celtiberos após conquistar Numância em 133 a.C. Cipião Emiliano esteve com Massinissa no inverno de 151-150 a.C., justamente para conseguir elefantes para a guerra contra os celtiberos. (cf. Ricardo da Costa. *O sonho de Cipião de Marco Túlio Cícero*, in Notandum 22 jan-abr 2010 CEMOrOC-Feusp / IJI - Universidade do Porto, n. 9).

¹⁵ Públio Cornélio Cipião, o Africano, (228 – 183. a.C.). A primeira notícia sobre a vida pública de Cipião data de 218 a.C., quando, com apenas dezessete anos, serviu no exército do pai na desastrosa Batalha de Ticino. Aníbal havia acabado de cruzar os Alpes e encontrou o exército do cônsul Públio Cornélio Cipião, pai de Cipião Africano, que foi derrotado e gravemente ferido, sendo salvo pelo filho, segundo Tito Lívio (*Ab urbe condita*, XXI, 46). Mais conhecido apenas como Cipião Africano, foi um político da família dos Cipiões, da *gens* Cornélia, foi eleito cônsul por duas vezes, em 205 e 194 a.C., com Públio Licínio Crasso Dives e Tibério Semprônio Longo respectivamente. Um dos maiores generais romanos de toda a história derrotou Aníbal na Batalha de Zama, encerrando a Segunda Guerra Púnica. Quando Cipião morreu em meio a acusações de seus rivais de ter aceitado suborno do rei selêucida, da Síria, Antíoco III, a quem havia derrotado na Ásia Menor, exilou-se em sua vila na Campânia, onde teria dito: *Minha pátria ingrata não terá meus ossos antes de morrer*.

conversado sobre Cipião, o Africano com o seu anfitrião, Cipião Emiliano sonhou com ele:

VI, 10 [10] No dia seguinte, fui recebido com a suntuosidade própria de um rei, quando alargamos a nossa conversa até o início da noite. O ancião rei não falava de outra coisa a não ser do Africano, quando recordou todas as suas gestas e até suas palavras. Após interromper a reunião para ir dormir, um sono mais pesado que o de costume me amparou, cansado que estava da viagem, e por ter ficado desperto durante uma boa parte da noite. Foi quando me apresentou, creio, talvez, pelo que conversamos – pois geralmente costuma ocorrer que nossos pensamentos e nossas conversas gerem, nos sonhos, algo semelhante ao que Ênio escreveu a propósito de Homero que, sem dúvida, durante o dia, costumava pensar e falar muito frequentemente – o Africano, com aquela mesma fisionomia que me era bem conhecida mais por sua máscara [de cera] que por tê-lo visto pessoalmente. Logo que o reconheci, estremei, mas ele me disse: “Recobra o ânimo e não temas, Cipião, e entregue minhas palavras à tua memória!” **[11]** Tu vês aquela cidade que, coagida por mim a submeter-se ao povo de Roma, renovou as pristinas guerras e não pôde permanecer tranquila? Ele assinalava Cartago, a partir de um lugar excelso, cheio de estrelas e totalmente iluminado e sonoro. Agora, tu vieste atacá-la quase como um soldado; passados dois anos, a destruirás como cônsul, e obterás este cognome forjado por ti mesmo e que até agora tens por herança minha. Mas quando tiveres destruído Cartago, terás celebrado o triunfo, terás sido censor, e, depois de ter ido como legado ao Egito, à Síria, à Ásia e Grécia, serás eleito cônsul pela segunda vez, em tua ausência, e levarás a cabo a maior guerra de todas: devastarás a Numância. **[12]** Então, Africano, faltará oferecer à pátria o lume de tua mente, do teu talento e do teu engenho. Contudo, a partir desse momento eu vejo um duplo caminho marcado pelos fatos. Quando tua vida tiver completado oito vezes sete translações do Sol e seus retornos, e quando esses dois números – cada um considerado perfeito, por diferentes razões – seguindo o seu curso natural, tiverem completado a totalidade dos anos que os fatos te marcaram, a cidade inteira se dirigirá somente a ti ao teu renome: o Senado, a gente de bem, os aliados e os povos latinos terão os olhos fitados em ti; serás o único no qual repousará a salvação da nação e, para abreviar, terás que colocar a República em ordem com os poderes de ditador, se é que poderás escapar das mãos ímpias dos teus parentes. Aqui, como Lélío se lamentasse, e os outros sensivelmente se condoessem, Cipião, com um

sorriso indulgente, lhes disse: “Silêncio, por favor, não me despertem do meu sonho, e escutem, um pouco mais, o que se segue!”¹⁶

A *enárgeia* aqui se dá por aqueles três meios aos quais se refere o autor anônimo das *Schemata Dianoeas quae ad rhetores pertinent*: pela pessoa, pelo lugar, pelo tempo. Pela pessoa porque Cipião Emiliano fala com seu avô adotivo, Cipião Africano, já morto no tempo em que ocorre o sonho, como se este tivesse vivo e lhe falasse. Pelo tempo, porque o que Cipião Emiliano vê em sonho ainda não aconteceram, como já tivessem acontecido, uma *imaginatio* no sentido de uma visão em sonho, que coloca a “forma e a imagem das coisas na oração”, para que sejam submetidas “aos olhos e à presença do leitor”, a seus olhos incorpóreos: Cipião Emiliano vê em sonho os principais acontecimentos da sua vida, desde a destruição de Cartago até sua própria morte. Esses acontecimentos são expressos por uma série de verbos futuros e também de futuros perfeitos (por exemplo: *deleueris, egeris, fueris, obieris*) que mostram acontecimentos que são futuros, mas que já são *res quasi gestae*, como já tivessem acontecido. E a *enárgeia* se dá também pelo lugar, por que Cipião via Cartago a partir de um lugar não físico, mas

¹⁶ A VI, 10 [10] *Post autem apparatu regio accepti sermonem in multam noctem produximus, cum senex nihil nisi de Africano loqueretur omniaque eius non facta solum, sed etiam dicta meminisset. Deinde, ut cubitum discessimus, me et de uia fessum, et qui ad multam noctem uigilassem, artior, quam solebat, somnus complexus est. Hic mihi— credo equidem ex hoc, quod eram locuti; fit enim fere, ut cogitationes sermonesque nostri pariant aliquid in somno tale, quale de Homero scribit Ennius, de quo uidelicet saepissime quae uigilans solebat cogitare et loqui—Africanus se ostendit ea forma, quae mihi ex imagine eius quam ex ipso erat notior; quem ubi agnoui, equidem cohorrui, sed ille: ‘Ades,’ inquit, ‘animo et mitte timorem, Scipio, et, quae dicam, trade memoriae!’ 10 [11] *Videsne illam urbem, quae parere populo Romano coacta per me renouat pristina bella nec potest quiescere?’ Ostendebat autem Carthaginem de excelso et pleno stellarum, illustri et claro quodam loco. ‘Ad quam tu oppugnandam nunc uenis paene miles. Hanc hoc biennio consul eueres, eritque cognomen id tibi per te partum, quod habes adhuc a nobis hereditarium. Cum autem Carthaginem deleueris, triumphum egeris censorque fueris et obieris legatus Aegyptum, Syriam, Asiam, Graeciam, deligere iterum consul absens bellumque maximum conficies, Numantiam exscindes. 10 [12] *Hic tu, Africane, ostendas oportebit patriae lumen animi, ingenii consilii que tui. Sed eius temporis ancipitem uideo quasi fatorum uiam. Nam cum aetas tua septenos octiens solis anfractus reditusque conuerterit duoque hi numeri, quorum uterque plenus alter altera de causa habetur, circuitu naturali summam tibi fatalem confecerint, in te unum atque in tuum nomen se tota conuertet ciuitas; te senatus, te omnes boni, te socii, te Latini intuebuntur; tu eris unus, in quo nitatur civitatis salus, ac, ne multa, dictator rem publicam constituas oportet, si impias propinquorum manus effugeris.’ Hic, cum exclamauisset Laelius, ingemuissentque uebementius ceteri, leniter adridens Scipio: ‘St! Quaeso, inquit, ne me somno excitetetis, et parumper audite ceterea (Tradução de Ricardo da Costa).***

a via de um lugar onírico, “excelso, cheio de estrelas e totalmente iluminado e sonoro”, a partir do qual Cipião Emiliano podia ver, ou vir a saber, das futuras derrotas e destruição definitivas de Cartago sob seu comando e outros acontecimentos de sua vida. E assim o sonho cruza com a profecia, e com ver com os olhos incorpóreos, pois mostrar a partir de um sonho é uma forma criar a enárgeia, ou um recurso eficaz para produzir esse tipo de ornamento no discurso. Recurso que encontra seu fundamento também na própria forma como os se consideravam os sonhos na Roma Antiga.

Artemidoro de Daldis, também conhecido como Artemidoro de Éfeso, um oniromante e adivinho profissional grego, que viveu na segunda metade do século II d.C.¹⁷, escreveu uma obra em grego, composta de cinco livros, intitulada *Oneirokritikón* ou *Oneirocritica (Sobre a Interpretação dos Sonhos)*, único trabalho seu que chegou até nós. No início dessa sua obra, Artemidoro define sonho da seguinte maneira: “O sonho é um movimento ou um modelagem polimorfa da alma que significa o bem e o mal que virá com os acontecimentos futuros.”¹⁸ Entre os sonhos, ele estabelece uma diferença entre sonho simples e sonho onírico: “O sonho onírico difere do sonho simples porque o primeiro significa o futuro, e o segundo as coisas presentes.”¹⁹ E além disso, ainda segundo Artemidoro, entre os sonhos oníricos alguns são teoremáticos, outros alegóricos:

São teoremáticos aqueles cujo desfecho tem semelhança plena com o que mostraram. Por exemplo, um navegador sonhou que naufragava e foi que lhe aconteceu: assim que o sono chegou ao fim, seu barco foi engolido, perdeu-se e só ele e alguns poucos foram salvos em meio a grandes dificuldades [...] Alegóricos são, ao contrário, os sonhos que significam certas coisas por meio de outras: nesses sonhos é a alma que, segundo certas leis naturais, dá a entender obscuramente um acontecimento²⁰.

Acontecimentos que, por serem futuros, são visíveis apenas aos olhos incorpóreos, aos olhos da própria alma (assim como “o sonho é um movimento ou uma modelagem polimorfa da alma”) são a matéria dos sonhos

¹⁷ Apesar de Artemidoro ser cronologicamente posterior a escrita do diálogo de Cícero, isso não significa que esteja totalmente excluída a hipótese de que as considerações sobre o sonho de Artemidoro já circulassem antes dele e já nos tempos de Cícero e mesmo dos Cipiões, o Emiliano e o Africano.

¹⁸ Artemidoro. *Sobre a interpretação dos sonhos (Oneirocritica)* [Tradução de Eliana Aguiar]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009, p. 23.

¹⁹ Artemidoro, *Op. cit.*, p. 21.

²⁰ Artemidoro, *Op. cit.*, p. 22.

oníricos, sejam eles teoremáticos ou alegóricos. No trecho que citamos acima, o “sonho de Cipião” pode ser considerado um sonho onírico teoremático, que por si só já pode constituir aquele tipo de ornamento denominado *enárgeia*, porque fala das coisas como já tivessem sido feitas, como se já tivessem acontecido, contadas pela boca de um personagem que não está mais entre nós, os vivos, mas que nos fala (por meio do Cipião Emiliano criado por Cícero em seu diálogo) como se estivesse entre nós, no mundo dos vivos. Mas outros tipos de sonho também servem como meio para se atingir a *enárgeia*, como os sonhos alegóricos, por exemplo,

Chegou até nós um pequeno fragmento da obra *Belli Punici*, de Célio Antípatro, citado pelo próprio Cícero em seu *Sobre a adivinhação* (*De diuinatione*, I.49), no qual também se narra um sonho, que pode nos servir também como um exemplo de um sonho onírico alegórico.

A Tendo Aníbal tomado Sagunto, pareceu-lhe ver-se em sonho convocado por Júpiter para o conselho dos deuses. Ao chegar ao conselho, Júpiter lhe ordenou levar a guerra à Itália, e lhe foi dado, como guia, um dos deuses do conselho para que, servindo-se dele, pudesse avançar com seu exército. O guia lhe ordenou então que não olhasse para trás. Aníbal, ao contrário, não pode resistir por muito tempo e, levado pelo desejo, olhou para trás. Então viu uma fera grande e cruel cercada de serpentes, e tudo contra o que avançava, todos os bosques, moitas, casas, destruía. Como Aníbal, admirado, perguntasse ao deus quem era aquele monstro, respondeu-lhe o deus que era a devastação da Itália, e ordenou-lhe que avançasse sem parar e não se preocupasse com o que acontecesse atrás, às suas costas.²¹

É significativo o vigor do quadro que Célio pinta nessa passagem e a visão vívida que suscita. Por meio de um sonho, faz de Aníbal um instrumento divino, o qual agia guiado pelos deuses que lhe ordenavam avançar, sem olhar o rastro de destruição que deixava atrás de si. No que diz respeito à “colocação das palavras” vale a pena notar que todos os verbos do trecho estão no subjuntivo, o que enfatiza no texto as relações causais temporais e

²¹ *Hannibalem, cum cepisset Saguntum, uisum esse in somnis a Ioue in deorum concilium uocari. Quo cum uenisset, Iouem imperauisse, ut Italiae bellum inferret, ducemque ei unum e concilio datum, quo illum utentem cum exercitu progredi coepisse. Tum ei ducem illum praecepisse, ne respiceret, illum aut id diuitius facere non potuisse elatumque cupiditate respexisse: tum uisam beluam uastam in immanem, circumplicata serpentibus, quacumque incederet, omnia arbusta, uirgulta, tecta peruetere, et eum admiratum quaesisse de deo, quodnam illud esset tale monstrum; et deum respondisse, uastitatem esse Italiae, praecepisseque ut pergeret protinus; quid retro atque a tergo fieret, ne laboret* [Tradução nossa].

de finalidade; ou em formas nominais, no infinitivo (seja histórico seja em uma oração infinitiva) ou no particípio passado, que estabelecem uma forte e ágil concatenação do texto, produzindo uma espécie de “nominalização” do texto, fazendo com que suas palavras se aproximem à ação que está sendo narrada. Esses recursos ajudam a suscitar a comoção nos leitores, e fazem com que o leitor se sinta “entre as próprias coisas mostradas”.

Mas nesse sonho, o que Aníbal (e nós, leitores, por meio dele) vê com seus olhos incorpóreos se desdobra em duas partes. A primeira pode ser considerada teoremática, até o momento em que o conselho dos deuses lhe designou um guia para que avançasse pela Itália com seus exércitos, o que realmente aconteceria na realidade, ou fora do mundo onírico, na vida de Aníbal. Mas quando Aníbal desobedece o guia e olha para trás, o que ele vê, na classificação de Artemidoro, está no âmbito de um sonho metafórico, a destruição da Itália por Aníbal e seu exército é mostrada, e sintetizada, na figura de “uma fera grande e cruel cercada de serpentes que destruía tudo o que encontrava pela frentes, bosques, moitas e casas”. Aníbal não entende o que vê – e nem o leitor de Antípatro – é o deus que lhe serve de guia que interpreta o sonho para ele, e também para o leitor que vê a cena, mas seja como for a enárgeia es estabeleceu por meio de um sono metafórico, e Antípatro consegue mostrar aos olhos incorpóreos do leitor a violência da invasão cartaginesa na Itália liderada por Aníbal, sem ter que narrá-la ou conceituá-la.

Vimos que nos trechos do livro VIII das *Istitutio Oratoria* citados anteriormente, como em 3, [2], parece que Quintiliano opõe a técnica oratória, presente também nos oradores imperitos e de modesta erudição, à elegância, ao ornamento, presente em grandes oradores, como Cícero. Seria pela elegância e pelo ornamento, como a enárgeia, por exemplo, que o orador conseguiria a sublimidade, a magnificência, o brilho, o vigor daquela eloquência que leva seus ouvintes (ou leitores) à comoção. No entanto, até mesmo ouvintes eruditos, como Lélío, têm de saber ouvir, têm de saber até onde pode ir essa comoção. Ou então, o orador perito no dizer ordenadamente, mesmo em um diálogo informal entre amigos deve saber conter essa comoção de seus ouvintes dentro do desejável para que a enárgeia se dê e se mantenha diante dos olhos dos ouvintes e dos leitores.

No final da citação, só trecho do *Sonho de Cipião*, Lélío e os outros presentes no diálogo interrompem a *enárgeia* que Cipião está apresentando, lamentando-se e condoendo-se. Cipião, docemente, sorrindo com aprovação, diz: “Silêncio, por favor, não me despertem do meu sonho, e escutem, um

pouco mais, o que se segue!” Como se dissesse: “Por favor, contenham-se, não deixem que a *enárgeia* se perca. Se a elegância e o ornamento vão além da técnica, elas também podem ir além do desejado pelo orador. Aqui, consoante a concepção da boa oratória de Cícero – da qual Quintiliano não parece discordar – a prática mais uma vez prevalece sobre a técnica. E a prática significa não apenas saber dizer ordenadamente, mas aber ouvir ordenadamente. Pelo menos é o que se esperaria dos interlocutores de Cipião no diálogo imaginado por Cícero no *De re publica*.

Mas não é só por meio de sonhos que se pode estabelecer o tipo de ornamento que nos interessa aqui. Ainda dentro do tema e âmbito das guerras púnicas, dos Cipiões, de Aníbal, temos um outro exemplo de *enárgeia*, que se produz sem o recurso aos sonhos, que é anterior ao *De re publica* de Cícero e do diálogo nele reproduzido. É um fragmento do último livro das *Histórias* que chegou até nós sob o nome de Políbio, mas que provavelmente deve ser um fragmento da obra intitulada *Punica*, de Apiano²², cuja fonte deve ter sido o próprio Políbio (*Histórias*, IV, 22, 2-3):

Conta-se que Cipião, vendo a cidade que morria completamente em uma destruição total, chorou, e era claro que chorava pela sorte de seus inimigos. [2] Em seguida, depois de ter longamente refletido, fechado em si mesmo, compreendeu claramente que, as cidades e os povos e todas as potências devem, assim como os homens, ver a mudança de sua própria fortuna, essa foi a sorte de Ílion, outrora uma cidade esplêndida, e a mesma sorte padeceu o poder dos Assírios, dos Medas e dos Persas, que se tornara a maior potência em seu tempo, e o mesmo sofrera o poder dos Macedônios, que há pouco brilhara mais do que qualquer outro. Ou intencionalmente, ou porque essas palavras lhe escapavam da boca, disse:

“um dia cairá Ílion, a sacrossanta, e Príamo,
bom-de-lança, com ela, e os súditos de Príamo²³”

²² Apiano (Alexandria ca. 95 – 165 d.C.) foi um historiador grego da Roma Antiga, desempenhou diversos cargos administrativos em Alexandria, e depois foi para Roma, por volta de 120 d.C., onde trabalhou como advogado. Em 147 d.C. obteve o cargo de procurador (provavelmente no Egito), do imperador Antonino Pio, pelo qual teve acesso à documentação imperial. Sua obra principal foi a “História Romana” (*Ῥωμαϊκά*), escrita em grego; é uma longa história de Roma em 24 livros, que abrange desde a sua fundação até 35 a.C. Dos vinte e quatro livros conservam-se apenas dez, do VI ao VIII e do XI ao XVII inteiros, bem como seções de outros. Sua fonte principal foi Políbio – suprimindo muitas partes perdidas deste –, embora também tome dados de Salústio, Paulo Clódio, Posidônio, Lívio, Célio Antípatro, Júlio César, Augusto, Asínio Polião, Plutarco, Diodoro e outros autores.

²³ *Ilíada*, VI, 448-449 Tradução de Haroldo de Campos

[3] E quando Políbio lhe perguntou com toda a franqueza, pois tinha ido seu mestre, o que queria dizer com aquelas palavras, dizem que não teve nenhum pejo em nomear claramente sua pátria, por cuja sorte temia muito, pelo que tinha visto das vicissitudes humanas. E Políbio, tendo ouvido essas coisas, as escreveu (Apiano, *Punica*, 132)²⁴.

Aqui vemos de novo Cipião Emiliano, o segundo Africano, mas desta vez desperto. Diante da destruição de Cartago, depois de três cruentas guerras. Mas no quadro que temos desse momento, pintado por Políbio e reapresentado por Apiano, Cipião Emiliano mostra mais reflexão preocupada do que regozijo. E mesmo desperto, ele se ausenta do lugar onde está e, “fechado em si mesmo” se põe a pensar em outros lugares, levando o leitor com ele. E por esses lugares mostra ao leitor a efemeridade das potências que se sucederam, colocando o leitor entre essas mudanças da fortuna dos homens, das cidades, dos reinos e dos povos. O momento culminante da enárgeia que eles (Políbio e Apiano) vão construindo é a citação dos versos da *Iliada*.

Esses versos, segundo os historiadores, parecem escapar de sua boca, talvez como alguém que fala dormindo, ou alguém que, distraidamente, diz algo fora do contexto em que se encontra, mas na verdade não é assim. Citar versos da *Iliada* diante de Cartago pode, a uma primeira e apressada vista, parecer algo fora de propósito. Esses dois versos são do Canto VI da *Iliada*, proferidos por Heitor, que prevê a destruição de sua cidade. Para historiadores gregos, escrevendo sobre história de Roma, assim como para leitores gregos e romanos, a citação desses dois versos tem um significado bem preciso. Por meio dos descendentes de Eneias, Roma será fundada como a segunda Troia. Por meio desses versos a enárgeia já se dá na própria *Iliada*, por dois dos meios citados pelo autor anônimo das *Schemata Dianoeas quae ad rhetores pertinent*, pelo lugar e pelo tempo, ao levarem o leitor do tempo

²⁴ ὁ δὲ Σκιπίων πόλιν ὀρών ... τότε ἄρδην τελευτῶσαν ἐς πανωλεθρίαν ἐσχάτην, λέγεται μὲν δακρῦσαι καὶ φανερὸς γενέσθαι κλαίων ὑπὲρ πολεμίων: [2] ἐπὶ πολὺ δ' ἔννοος ἐφ' ἑαυτοῦ γενόμενός τε καὶ συνιδὼν ὅτι καὶ πόλεις καὶ ἔθνη καὶ ἀρχὰς ἀπάσας δεῖ μεταβαλεῖν ὡσπερ ἀνθρώπους δαίμονα, καὶ τοῦτ' ἔπαθε μὲν Ἰλιον, εὐτυχῆς ποτε πόλις, ἔπαθε δὲ ἡ Ἀσσυρίων καὶ Μήδων καὶ Περσῶν ἐπ' ἐκείνοις ἀρχὴ μεγίστη γενομένη καὶ ἡ μάλιστα ἔναγχος ἐκλάμψασα ἢ Μακεδόνων, εἴτε ἐκόν, εἴτε προφυγόντος αὐτὸν τοῦδε τοῦ ἔπους εἶπεῖν,

ἔσσειται ἡμᾶρ ὅταν ποτ' ὀλόγη Ἰλιος ἱρή
καὶ Πριάμος καὶ λαὸς ἐνμελίω Πριάμοιο.

[3] Πολυβίου δ' αὐτὸν ἐρομένου σὺν παρησίᾳ καὶ γὰρ ἦν αὐτοῦ καὶ διδάσκαλος: ὃ τι βούλοιο ὁ λόγος, φασὶν οὐ φυλαζόμενον ὀνομάσαι τὴν πατρίδα σαφῶς, ὑπὲρ ἧς ἄρα ἐς τάνθρώπεια ἀφορῶν ἐδεδίει. καὶ τὰς μὲν Πολύβιος αὐτὸς ἀκούσας συγγράφει.

presente de uma Troia ainda poderosa, para um futuro em que ocorrerá a destruição dessa cidade.

Em Políbio e Apiano, a citação dos versos da *Ilíada* também transporta o leitor do lugar onde ele, assim como Cipião Emiliano, deveria estar, o dia da destruição definitiva de Cartago, e constrói uma ponte entre um passado, a destruição de Troia, e um futuro, a destruição de Roma, a segunda Troia, ambos bem distantes do momento da narração, que é a vitória sobre Cartago e sua destruição final. Aqui também, como já vimos acontecer na própria *Ilíada*, a enárgeia se dá por meio do tempo, estabelecendo uma série de temporalidades concomitantes. O presente e o futuro de Tróia nos versos proferidos por Heitor. Um passado, a destruição de Troia evocada diante de um presente, e a destruição de Cartago que projeta um futuro, a destruição de Roma. E também pelo lugar, mostrando para o leitor, em um só quadro, a sobreposição de três cidades: uma destruída no passado (tanto de Cipião como do leitor), uma no presente (tanto de Cipião, como do leitor imerso na narrativa dos historiadores), e uma no futuro (tanto de Cipião como para os leitores dos dois historiadores gregos, pelo menos para os que não presenciaram a destruição de fato, histórica, de Roma). O que introduz a enárgeia, o que de fato a desencadeia no texto dos dois historiadores gregos são justamente os dois versos da *Ilíada*.

Antes dos versos temos a reflexão de Cipião Emiliano, justamente no dia em que a principal rival de Roma, após três ferozes guerras nas quais Roma esteve prestes a ser derrotada e destruída, é finalmente vencida pelo povo romano. E nesse dia, em vez de alegrar-se, Cipião chorou e refletiu a respeito da ascensão e queda dos poderosos impérios e monarquias que antecederam Roma como potência política e militar. Essa inesperada reação de general vencedor sobre um inimigo tenaz ganha dramaticidade com a citação dos versos da Eneida, e fica explícito pelo que vem depois deles. Quando interpelado por Políbio, Cipião diz sem rodeio que ele estava pensando em Roma ao recitar os dois versos de Homero. São esses dois versos que condensam em si, no momento, no lugar e por quem eles são recitados, uma série de temporalidades e lugares que se sobrepõem e se imbricam, colocando todos eles diante do leitor e colocando o leitor diante (ou dentro de) de todas esses lugares e tempos de uma forma sincrônica e onipresente. Portanto além do sonho (e da éfrase), a poesia (por si só quase sempre carregada de enárgeia) também é um meio pelo qual se pode suscitar a enárgeia.

Mas o que, além do que foi dito acima, poderia ser inferido a partir da enárgeia que Políbio e Apiano estabelecem em sua narrativa? Além de suscitar

a comoção, além de colocar uma ação ou um fato sob olhos incorpóreos do ouvinte ou do leitor, de colocar sob seus olhos da alma as ações realizadas (a destruição de Troia e de Cartago), ou como se tivessem sido realizadas (a destruição de Roma), de trazer para a presença do leitor a forma a imagem das coisas que se narram ou se descrevem (a destruição das três cidade), de colocar o ouvinte ou leitor entre essas mesmas coisas, poderia haver uma outra intenção em Políbio ao empregar esse tipo de ornamento, a enárgeia nesse trecho da sua obra? Se nos atermos ao trecho de Políbio/Apiano sobre a destruição de Cartago, poderíamos responder afirmativamente a essas perguntas. Quanto ao sonho de Cipião, veremos que ele inspirou outros sonhos ao longo da história.

Já no início de suas obras (*Histórias*, I, 1, 4-6), Políbio, seguindo um tópos da historiografia greco-romana, afirma a originalidade ao tema de suas *Histórias*, que suscitaria o interesse, tanto para os jovens como para os anciãos, na leitura de sua obra. E a causa desse interesse seria conhecer “com que gênero de constituição política”, em apenas cinquenta e três anos, quase todo o mundo foi derrotado e caiu sob o poder incontestado dos romanos. O que, nos diz Políbio, nunca ocorrera antes. No livro VI de suas *Histórias* (VI, 1-3), no mesmo livro do qual extraímos o trecho que nos serviu como exemplo do uso da enárgeia, Políbio reafirma o valor de seu tema, e nos diz que o que há de mais belo e útil na sua obra para os eleitores seria a possibilidade de compreender que tipo de constituição permitiu aos romanos dominar todo o mundo então conhecido em apenas cinquenta e três anos.²⁵ O que até então, como já dissera no Livro I, não tinha precedentes.

O que havia de inusitado e poderoso nessa constituição era seu caráter misto. No mesmo livro VI (11-12), Políbio assim descreve a constituição mista:

[11] Assim, pois, as três formas de governo que citei dominavam a constituição e as três estavam ordenadas, se administravam e repartiam tão equitativamente o poder, com tanto acerto, que nunca ninguém, nem mesmo os romanos, poderia afirmar com segurança se o regime era totalmente aristocrático, ou democrático ou monárquico. [12] O que era natural, pois se atentarmos ao poder dos cônsules, nos pareceria uma constituição perfeitamente monárquica; se nos fixamos no poder do senado, pareceria

²⁵ Esses cinquenta e três seriam o tempo que decorre desde os anos 220 a.C., que marcam, de maneira aproximativa, o início da Segunda Guerra Púnica, até a batalha de Pidna, em 167 a.C. (também de maneira aproximativa), na qual o Cônsul Paulo Emílio venceu o rei Perseu da macedônia. Essa última data marca a conquista do mundo pelos romanos.

uma constituição aristocrática; e se considerássemos o poder do povo romano, teríamos a impressão de nos encontrarmos claramente diante de um governo democrático²⁶.

No mesmo livro VI (18, 1-4), Políbio nos explica qual seria a principal virtude dessa constituição mista dos romanos que lhes permitiu conquistar todo o mundo:

[1] Este é o poder de cada um dos elementos do sistema no que se refere a se favorecerem ou se prejudicarem mutuamente. Em qualquer situação esse sistema se mantém devidamente equilibrado, tanto que é impossível encontrar uma constituição superior a esta. [2] Sempre que uma ameaça comum obriga às suas três partes colocarem-se em acordo, a força dessa constituição é tão imponente, [3] surte tais efeitos, que não somente não se tarda em nada que é imprescindível, mas todos deliberam sobre o que os ameaça, e o que decidem realizam imediatamente, [4] porque os cidadãos, sem exceção, em público e em privado, ajudam no cumprimento dos decretos promulgados²⁷.

É a existência simultânea das três formas do governo, e o equilíbrio existente entre seus três elementos que a representam, que faz com que essa constituição de Roma seja tão singular, capaz de em pouco mais de meio século conquistar todo o mundo. Além desse feito único, que já justificaria a originalidade, o interesse e a utilidade de suas *Histórias*, vale notar que o seu interesse pela constituição mista romana está intimamente ligado à famosa anaciclose de Políbio, que ele tinha apresentado um pouco antes dos trechos citados acima (*Histórias*, VI, 4-9).

²⁶ [11] ἦν μὲν δὴ τρία μέρη τὰ κρατοῦντα τῆς πολιτείας, ἅπερ εἶπα πρότερον ἅπαντα: οὕτως δὲ πάντα κατὰ μέρος ἴσως καὶ πρεπόντως συνετέτακτο καὶ διωκεῖτο διὰ τούτων ὥστε μηδένα ποτ' ἂν εἰπεῖν δύνασθαι βεβαίως μηδὲ τῶν ἐγγυρίων πότερ' ἀριστοκρατικὸν τὸ πολίτευμα σύμπαν ἢ δημοκρατικὸν ἢ μοναρχικόν. [12] καὶ τοῦτ' εἰκὸς ἦν πάσχειν. ὅτε μὲν γὰρ εἰς τὴν τῶν ὑπάτων ἀτενίσαιμεν ἐξουσίαν, τελείως μοναρχικὸν ἐφαίνεται εἶναι καὶ βασιλικόν, ὅτε δ' εἰς τὴν τῆς συγκλήτου, πάλιν ἀριστοκρατικόν: καὶ μὴν εἰ τὴν τῶν πολλῶν ἐξουσίαν θεωροῖη τις, ἐδόκει σαφῶς εἶναι δημοκρατικόν.

²⁷ [1] τοιαύτης δ' οὐσης τῆς ἐκάστου τῶν μερῶν δυνάμεως εἰς τὸ καὶ βλάπτειν καὶ συνεργεῖν ἀλλήλοις, πρὸς πάσας συμβαίνει τὰς περιστάσεις δεόντως ἔχειν τὴν ἄρμογὴν αὐτῶν, ὥστε μὴ οἶόν τ' εἶναι ταύτης εὐρεῖν ἀμείνω πολιτείας σύστασιν. [2] ὅταν μὲν γάρ τις ἐξωθεν κοινὸς φόβος ἐπιστᾶς ἀναγκάσῃ σφᾶς συμφρονεῖν καὶ συνεργεῖν ἀλλήλοις, τηλικαύτην καὶ τοιαύτην συμβαίνει γίνεσθαι τὴν δύναμιν τοῦ πολι. [3] τεύματος ὥστε μῆτε παραλείπεσθαι τῶν δεόντων μηδὲν, ἅτε περὶ τὸ προσπεσὸν αἰεὶ πάντων ὁμοῦ ταῖς ἐπινοίαις ἀμυλλωμένων, μῆτε τὸ κριθέν ὑστερεῖν τοῦ καιροῦ, κοινῇ καὶ κατ' ἰδίαν ἐκάστου συνεργούντος πρὸς τὴν τοῦ προκειμένου συντέλειαν. [4] διὸπερ ἀνυπόστατον συμβαίνει γίνεσθαι καὶ παντὸς ἐφικνεῖσθαι τοῦ κριθέντος τὴν ἰδιότητα τοῦ πολιτεύματος.

A anacliclose em Políbio aparece como uma sequência de formas de constituições que se sucedem como em um fenômeno cíclico, quase biológico,²⁸ de origem, crescimento, auge e dissolução das diversas constituições, ou formas de governo. Nesse ciclo, que começa com uma monarquia (*μοναρχίαν*), passa pela realeza (*βασιλεύς*), daí para uma realeza tirânica (*βασιλεύς τυραννίς*), a aristocracia (*ἀριστοκρατίας*), a oligarquia (*ὀλιγαρχίας*), a democracia (*δημοκρατίας*) e se fecha retornando a um governo da força e violência (*βίαις καὶ χειροκρατίας*²⁹). A questão, que poderíamos nos colocar neste ponto, é até que ponto a constituição mista da República Romana estaria imune a essa ordem natural das mudanças, transformações e destruição das constituições que é a anacliclose. A resposta pode estar no fragmento de Apiano que citamos anteriormente, no qual Cipião Emiliano, o segundo Africano, chorou diante da destruição final de Cartago.

Os marcos cronológicos que Políbio estabelece para os cinquenta e três anos que se estendem desde a ascensão de Roma (graças à sua constituição mista) até a conquista de todo o mundo começam justamente pelo início da Segunda Guerra Púnica (cf. nota 26) e terminam com a batalha de Pidna, em 168 a.C. E Cipião Emiliano chora diante da destruição de Cartago, que o faz pensar na futura destruição de sua própria cidade. É como se, depois de chegar a seu ápice, ao derrotar Perseu, o rei dos Macedônios, a mesma Cartago que tinha marcado o início da ascensão de Roma, marcaria o início

²⁸ A respeito da natureza da anacliclose, Políbio escreve: **[10]** *Este é o ciclo das constituições e sua ordem natural, conforme elas mudam e se transformam para retornar a seu ponto de origem. [11] Quem domina esse tema com clareza pode se equivocar quanto ao tempo que durará uma constituição, mas quanto ao crescimento de cada uma delas, suas transformações e seu desaparecimento é difícil que erre, a não ser que seu juízo esteja viciado pela inveja ou pela animosidade.* **[10]** αὐτὴ φύσεως οἰκονομία, καθ' ἣν μεταβάλλει καὶ μεθίσταται καὶ πάλιν εἰς αὐτὰ κατατῆται τὰ κατὰ τὰς πολιτείας. **[11]** ταῦτά τις σαφῶς ἐπεγνωκῶς χρόνοις μὲν ἴσως διαμαρτήσεται λέγων ὑπὲρ τοῦ μέλλοντος περὶ πολιτείας, τὸ δὲ ποῦ τῆς ἀξίσεως ἕκαστόν ἐστιν ἢ τῆς φθορᾶς ἢ ποῦ μεταστήσεται σπανίως ἂν διασφάλλοιτο, χωρὶς ὀργῆς ἢ φθόνου ποιούμενος τὴν ἀπόφασιν. (*Histórias*, VI, 9, 10-11). Vale lembrar que, para os gregos e romanos antigos, a inveja e animosidade não eram sentimentos dignos de um historiador.

²⁹ Claude Nicolet levanta a hipótese que a palavra *χειροκρατίας* seria um hápax, palavra que aparece uma única vez em um único autor, e não significaria violência, mas sim “preponderância do voto”. Cf. Claude Nicolet “Polybe et les institutions romain” (p. 209-266), in F. W. Bank & E. Gabba. *Polybe: neuf exposés suivis des discussions*. Vandœuvres-Genève : Fondation Hardt : Dépositaire pour la Suisse : Francke, Berne, 1974. Cf. ΠΟΛΙΒΙΟ. *Histórias*. Libros V – XV. Madrid: Editorial Gredos, 1981, nota 25, p. 160.

de sua queda.³⁰E essa ligação entre a destruição de Cartago e a destruição de Roma não se estabelece apenas, como vimos anteriormente, pela citação que Cipião faz dos versos da *Ilíada*, nos quais Heitor também prevê a destruição de sua cidade. Mas antes dessa citação, ensimesmado, Políbio nos conta que Cipião refletiu sobre as cidades, povos e potências, além de Troia, que se sucederam na história, desde os Assírios, passando pelos Medas e Persas até os macedônios, e que, assim como brilharam, foram subjugados e pereceram. Pode ser um mero acaso, mas essas cidades e povos evocados por Cipião, na narrativa de Políbio, terminam com os macedônios, cuja derrota definitiva, como já vimos, marca, para Políbio, a conquista de todo o mundo pelos romanos. E essa reflexão se dá no dia da destruição final de Cartago, cuja derrota, na Segunda Guerra Púnica, marcou o início do período ao final do qual Roma conquistaria todo o mundo.

Parece que Políbio, por meio da narração da visão que Cipião teve da destruição de Roma, diante da destruição do maior inimigo que Roma já tivera, quer nos mostrar a anaciclose da constituição mista de Roma, que começou seu ciclo, que a lavaria a conquistar todo o mundo, com o vitória na Segunda guerra Púnica sob o comando de Cipião, o Africano, chegou a seu ápice com a vitória sobre os macedônios em Pidna, sob o comando do Cônsul Lúcio Emílio Paulo, e começou a sua dissolução com a vitória definitiva em Cartago. E o final dessa anaciclose, a destruição de Roma, é como que profetiza por Cipião Emiliano por meio dos versos da *Ilíada*.

No sonho de Cipião descrito por Cícero em seu diálogo *De re publica* temos não só um Cipião, mas dois deles. Públio Cornélio Cipião Africano, que derrotou Aníbal na batalha de Zama, batalha que colocou um ponto final na Segunda Guerra Púnica; e Públio Cornélio Cipião Emiliano, que, como vimos no trecho de Políbio/Apiano, presenciou a derrota e a destruição final de Cartago. Públio Cornélio Cipião Emiliano era filho natural de Lúcio Emílio Paulo Macedônico (o cônsul que derrotou o rei macedônico Perseu)

³⁰ A destruição de Cartago como ponto de inflexão que marcaria o início da decadência de Roma aparece também em Salústio, no prefácio da sua *Conjuração de Catilina*, ele escreve: **X.1.** Mas quando, com o esforço e a justiça, a República cresceu, grandes reis foram vencidos pela guerra, nações ferozes e grandes povos submetidos pela força, Cartago, êmula do poder romano, completamente arrasada, todos os mares e terras estavam abertos, [aí] a sorte começou a enraivecer-se e a desordenar todas as coisas. **2.** Àqueles que tinham tolerado facilmente sofrimentos, perigos, situações árduas e incertas, o ócio e a riquezas – bens, aliás, desejáveis – tornam-se fardos e desgraças.

e posteriormente adotado por Públio Cornélio Cipião, filho de Cipião, o Africano. Depois da vitória final sobre Cartago, Cipião Emiliano passou a ser conhecido também como Cipião Africano Menor ou Cipião, o Segundo Africano. Temos, portanto, no sonho descrito nesse diálogo as duas personagens que marcaram, segundo Políbio, o início e o fim dos cinquenta e três anos, durante os quais Roma conquistou todo o mundo; e também a personagem que guiou Roma à vitória que lhe suscitou a visão da destruição dessa cidade (a segunda Troia), e o início, em termos polibianos, da fase descendente da constituição mista romana.

Esse diálogo é um elogio a todos aqueles que “conservam, ajudam e engrandecem a sua pátria”, como os dois Cipiões e também Lúcio Emílio Paulo. Os três personagens que marcam momentos decisivos da história de Roma, na interpretação polibiana. De fato, na continuação do trecho do sonho de Cipião que citamos acima, vem o seguinte trecho.

XIII.3.13. “Muito bem, Africano, como estiveste mais impulsionado em defender a República, tenhas sempre em mente que todos aqueles que conservam, ajudam e engrandecem a pátria, têm um lugar determinado marcado no céu, onde fruem, felizes, uma vida sempiterna. De fato, não há nada mais satisfatório que aconteça na Terra àquele príncipe-deus, que rege todo o universo, que os concílios e as associações humanas que se constituem em virtude de um acordo legal, e que são chamadas de cidades: seus reitores e salvadores retornam ao lugar de onde vieram”.

XIV.14. Então eu, por mais que estivesse atemorizado – não tanto pelo pavor de morrer, mas pelas insídias dos meus – perguntei-lhe, malgrado tudo, se ele ainda tinha vida, e também Paulo, meu pai, e outros, que nós pensávamos terem se extinguido. Ele respondeu: “Pelo contrário, estes são os que vivem realmente, os que saíram dos cárceres dos corpos como de uma prisão. Por outro lado, vossa vida, como denominam, é a morte! Tu não vedes Paulo, teu pai, que vem a ti?” Quando ele veio, irrompi em uma torrente de lágrimas, mas ele me abraçou e não me deixou chorar mais, dando-me beijos.³¹

³¹ **XIII.3.13.** “*Sed quo sis, Africane, alacrior ad tutandam rem publicam, sic habeto, omnibus, qui patriam conservaverint, adiuverint, auxerint, certum esse in caelo definitum locum, ubi beati aevo sempiterno fruuntur; nihil est enim illi principi deo, qui omnem mundum regit, quod quidem in terris fiat, acceptius quam concilia coetusque hominum iure sociati, quae civitates appellantur; harum rectores et conservatores hinc profecti huc revertuntur*”. **XIV.14.** *Hic ego, etsi eram perterritus non tam mortis metu quam insidiarum a meis, quaesivi tamen, viveretne ipse et Paulus pater et alii, quos nos extinctos arbitraremur. “Immo vero”, inquit, “hi vivunt, qui e corporum vinculis tamquam e carcere evolaverunt, vestra vero, quae dicitur,*

Depois de Cipião, o Africano explicar a seu neto o destino celestial dos homens que defendem, governam, e conservam suas cidades, Cipião Emiliano encontra seu pai biológico, Lúcio Emílio Paulo. Este, depois de acalmar a pressa do filho que lhe pergunta porque ainda continua na Terra, vivendo na prisão de seu próprio corpo, e porque não está já ao lado do pai, no céu entre os bem aventurados fruindo de uma vida eterna e feliz. Emílio Paulo, então, dirige a seu filho as seguintes palavras:

XVI.16. Tu, Cipião, não obstante, sirva à justiça e à piedade, assim como o teu avô aqui presente e eu que te engendrei, pois se essa piedade é importante quando acontece entre os pais e os familiares, ela o é muito mais em relação à pátria. Uma vida assim é o caminho que conduz ao céu e para dentro dessa assembleia dos homens que já viveram a vida e que, livres dos laços do corpo, habitam esse lugar que tu vedes” – esse lugar era um círculo brilhante com um luminosíssimo resplendor, inimigo dos fogos estelares – “que vós, tal como recebido dos gregos, denominais Orbe Láctea”³².

Como vimos anteriormente, o livro VI do *De re publica*, que contém o *Sonho de Cipião*, foi objeto de um comentário que lhe dedicou Macróbio, que viveu entre os séculos IV e V d.C. Esse comentário circulou durante a Idade Média e chegou até o Renascimento, onde encontraremos ecos desse sonho no sonho de um outro autor importante, em um contexto diferente e com uma perspectiva e objetivo também diferentes. É com o sonho desse importante autor que gostaríamos de terminar este artigo.

Nicolau Maquiavel, assim como Cícero, pelas palavras com as quais fez Emílio Paulo dirigir-se o seu filho na citação acima, também acreditava que a piedade em relação à pátria era muito mais importante do que aquela que há entre os pais e os familiares. Em um de seus escritos político, o *Discurso sobre os negócios públicos dos florentinos depois da morte de Lourenço de Medici*, escrito em 1520, Maquiavel escreveu:

vita mors est. Quin tu aspicias ad te venientem Paulum patrem?” Quem ut vidi, equidem vim lacrimarum profudi, ille autem me complexus atque osculans flere prohibebat (Tradução de Ricardo da Costa).

³² **XVI.16.** “*Sed sic, Scipio, ut avus hic tuus, ut ego, qui te genui, iustitiam cole et pietatem, quae cum magna in parentibus et propinquis tum in patria maxima est; ea vita via est in caelum et in hunc coetum eorum, qui iam vixerunt et corpore laxati illum incolunt locum, quem vides*”. *Erat autem is splendidissimo candore inter flammam circus elucens. “Quem vos, ut a Graiis accepistis, orbem lacteum nuncupatis”*

Penso que a maior honra que podem ter os homens é aquela que voluntariamente lhes é dada por sua pátria. Acredito que o maior bem que se possa fazer, e o mais grato a Deus, seja aquele que se faz pela pátria. Além disso, nenhum homem é tão exaltado em uma ação, quanto são aqueles que, com leis e instituições, reformam as repúblicas e os reinos. Depois daqueles que foram deuses, estes são os mais louvados. E como foram poucos os que tiveram ocasião de fazê-lo, e pouquíssimos aqueles que souberam fazê-lo, são raros os que o fizeram. E essa glória tem sido tão estimada pelos homens que eles nunca visaram outra, e quando não puderam instituir uma república em ato, fizeram por escrito, como Aristóteles, Platão e muitos outros, que quiseram mostrar ao mundo que se não conseguiram fundar uma república, como Sólon e Licurgo, não foi por ignorância, mas pela impossibilidade de concretizar seus planos³³.

Maquiavel, quando escreveu essas palavras se colocava da perspectiva entre “aqueles que, com leis e instituições, reformam as repúblicas e os reinos”, e entre aqueles que sabem fazê-lo na prática, não só por escrito, e como tal esperava ser reconhecido e exaltado. Já sete anos antes desse seu *Discurso*, escreveu, em 1513, no capítulo XV do *Príncipe*, as seguintes palavras:

Porém, sendo minha intenção escrever coisas que sejam úteis a quem se interesse, pareceu-me mais conveniente ir direto à verdade efetiva da coisa que à imaginação em torno dela. E não foram poucos os que imaginaram repúblicas e principados que nunca se viram nem se verificaram na realidade. Todavia a distância entre o como se vive e o como se deveria viver é tão grande que quem deixa o que se faz pelo que se deveria fazer contribui rapidamente para a própria ruína e compromete sua preservação: porque o homem que quiser ser bom em todos os aspectos terminará arruinado entre tantos que não são bons. Por isso é preciso que o príncipe aprenda,

³³ *Io credo che il maggiore onore che possono avere gli uomini sia quello che voluntariamente è loro dato dalla loro patria, credo che il maggiore bene che si faccia, e il più grato a Dio, sia quello che si fa alla sua patria. Oltra di questo, non è esaltato alcuno uomo tanto in alcuna sua azione, quanto sono quegli che hanno con leggi e con istituti reformato le repubbliche e i regni, questi sono, dopo quegli che sono stati Iddii, i primi laudati. E perché e' sono stati pochi che abbino avuto occasione di farlo, e pochissimi quelli che lo abbino saputo fare, sono piccolo numero quelli che lo abbino fatto: e è stata stimata tanto questa gloria dagli uomini che non hanno mai atteso ad altro che a gloria, che non avendo possuto fare una repubblica in atto, l'hanno fatta in iscritto; come Aristotile, Platone e molti altri: e' quali hanno voluto mostrare al mondo, che se, come Solone e Licurgo, non hanno potuto fondare un vivere civile, non è mancato dalla ignoranza loro, ma dalla impotenza di metterlo in atto. In *Discrusus florentinarum rerum post mortem Iunioris Laurentii Medices*, 1520 [Tradução nossa].*

caso queira manter-se no poder, a não ser bom e a valer-se disso segundo a necessidade³⁴.

Maquiavel não só já deixou claro seu desejo de “ir direto à verdade efetiva da coisa”, de não querer se limitar a apenas escrever sobre os vários tipos de principados e como deveriam ser governados, mas de “escrever coisas que sejam úteis a quem se interesse”, assim como ele, na verdade efetiva de como o príncipe agir nos diferentes tipos de principado e nas diferentes circunstâncias que pode se encontrar. Além disso, Maquiavel afirma que, para bem governar, o príncipe não deve ser bom em todos os aspectos, nem em todas as situações, e deve aprender também a não ser bom. E aqui temos uma diferença importante em relação ao que Cícero pensava e colocou nas palavras que Emílio Paulo dirigiu a seu filho Cipião Emiliano, pois a “piedade que há entre os pais e os familiares, não pode ser a mesma que deve haver em relação à pátria. Não é pela *pietas* no sentido de devoção aos deuses ou fidelidade aos pais ou parentes, mas no sentido de devoção à pátria que, para Maquiavel, o príncipe deve se orientar.

Em uma carta escrita a Francesco Vettori em 1527, Maquiavel escreveu que amava sua pátria mais do que a sua própria alma (*Io amo ... amo la patria mia più dell'anima*). Portanto, para servir a pátria, é necessário reconhecer que a “distância entre o como se vive e o como se deveria viver é tão grande que quem deixa o que se faz pelo que se deveria fazer contribui rapidamente para a própria ruína e compromete sua preservação”, e aprender que “o homem que quiser ser bom e todos os aspectos terminará arruinado entre tantos que não são bons”, por isso o príncipe tem de aprender a não ser bom. Por mais que Maquiavel diga acreditar “que o maior bem que se possa fazer, e o mais grato a Deus, seja aquele que se faz pela pátria”, fazer o bem pela pátria não significa necessariamente ser grato a Deus, segundo os preceitos da moral cristã que vigia em sua época. E também ele nos deixa isso muito claro por meio de um sonho, por meio de um ornamento que a retórica antiga denominou enárgeia.

³⁴ *Ma, sendo l'intento mio scrivere cosa utile a chi la intende, mi è parso più conveniente andare dritto alla verità effettuale della cosa, che alla immaginazione di essa. E molti si sono immaginati repubbliche e principati che non si sono mai visti né conosciuti essere in vero; perché elli è tanto discosto da come si vive a come si doverrebbe vivere, che colui che lascia quello che si fa per quello che si doverrebbe fare, impara più tosto la ruina che la perservazione sua: perché uno uomo che voglia fare in tutte le parte professione di buono, conviene rovini infra tanti che non sono buoni. Onde è necessario a uno principe, volendosi mantenere, imparare a potere essere non buono, et usarlo e non usare secondo la necessità.*

Antes da sua morte, em 21 de junho de 1527, Nicolau Maquiavel, conta-se, teria tido um sonho e o teria contado a seus amigos que o confortavam. Disse Maquiavel ter visto em seu sonho um grupo de homens sofridos e de mísera aparência. Quando perguntou quem eram, eles responderam: “Somos os santos e os bem-aventurados e vamos para o paraíso”. Depois disso viu uma multidão de homens de aspecto nobre e grave, vestidos majestosamente, que discutiam solenemente sobre importantes questões políticas. Maquiavel reconheceu entre eles os grandes filósofos e historiadores da Antiguidade, que tinham escritos importantes obras sobre a política e os Estados. Também a eles perguntou quem eram e para onde iam. “Somos os condenados ao inferno”, responderam. Maquiavel teria então concluído explicando a seus amigos que ele também preferia antes ir para o inferno, e lá discutir sobre política com os grandes homens da Antiguidade, a ser mandado para o Paraíso, para morrer de tédio em companhia de beatos e santos.³⁵Fica claro no sonho de Maquiavel a alusão ao *Sonho de Cipião*. Mas ao contrário deste, no qual os todos aqueles homens “que conservam, ajudam e engrandecem a pátria, têm um lugar determinado marcado no céu, onde fruem, felizes, uma vida sempiterna” (certamente era esse o lugar que Cícero acreditava merecer para si mesmo), Maquiavel coloca esses homens no inferno, por que eles, para conservarem, ajudarem, engrandecerem sua pátrias, e assim se tornarem imortais, na perspectiva de Maquiavel, tiveram necessariamente a aprender a não serem bons conforme os preceitos da moral cristã de seu tempo. Eles amaram a pátria mais do que as suas próprias almas. Com essa narrativa, seu sonho, inspirado na narrativa de Cícero do sonho de Cipião Emiliano, Maquiavel consegue, ao inverter a lógica do *Sonho de Cipião*, sintetizar um dos pontos fulcrais do seu pensamento e do seu legado: a separação da moral política da moral cristã. Para Maquiavel, quem quiser se dedicar efetivamente à política, quem quiser lidar com as coisas do mundo da política como elas realmente são, e não imaginá-las como deveriam ser, quem quiser realmente conseguir conservar, ajudar, engrandecer sua pátria, e assim se tornar imortal, não deve esperar encontrar depois de sua morte um lugar no céu, entre os santos e bem-aventurados. A sua imortalidade terá lugar no inferno. O que, afinal, se dermos fé ao sonho de Maquiavel, não seria tão feio e ruim quanto pintam.

Esse sonho, claramente (*perspicue*) inspirado na enérgeia ciceroniana, presente no sonho de Cipião, ilustra bem como por meio de um tipo

³⁵ Maurício Viroli. *O sorriso de Nicolau: uma história de Maquiavel*. [Tradução de Valéria Pereira da Silva]. São Paulo: Estação Liberdade, 2002, p.

específico de ornamento, da enérgeia, de uma maneira que transcende, como já dissemos no início desse artigo, a técnica retórica se pode suscitar, muito além do contexto e do momento sua elaboração, uma nova enérgeia, capaz mostrar e comover, colocando diante dos olhos incorpóreos, dos olhos da alma do leitor, sem a necessidade de explicam com palavras (por meio de uma elegante elocução ou uma conveniente disposição) o que o autor pretende transmitir ao leitor. E mesmo que Maquiavel não tenha realmente sonhado esse sonho, é um sonho que ele bem poderia ter sonhado, e que nos deixa ver com clareza, por meio de sonho metafórico, uma das características fundamentais do pensamento maquiaveliano.

[Recebido em fevereiro/2020; Aceito em abril/2020]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CICERONE, M. T. *Dello stato*. [Tradução Anna Resta Barrile]. Milano: Mondadori Editore, 1984.
- COSTA, Ricardo da. *O sonho de Cipião de Marco Túlio Cícero*, in Notandum 22 jan-abr 2010. CEMOROC-Feusp / IJI - Universidade do Porto, n.9.
- GAILLARD, Jacques Gaillard. *Introdução à literatura latina: das origens a Apuleio*. [Tradução e notas de Cristina Pimentel]. Editorial Inquérito: Mira-Sintra, s./d.
- HALM, Karl. *Rhetores Latini Minores. Ex codicibus maximam partem primum adbibitis*. Emendabato Carolus Halm. Lipsiae, in Aedibus B.G. Teubneri, 1863.
- MACHIAVELLI, Niccolò. “e Al molto magnifico Francesco Vettori suo honorando” [Carta XXVIII de Nicolau Maquiavel a Francesco Vettori de 16 de abril de 1527. In Machiavelli, Niccolò. *Opere*. (ed.) Mario Bonfantini. Milão-Nápoles: Ricciardi Editore. 2006.
- MACHIAVELLI, Niccolò. *Il Príncipe*. Introdução e notas de Federico Chabod, (ed.) fr Luigi Firpo. 7. ed.Turim : Einaudi, 1532 [1972]
- MAQUIAVEL, Nicolau. *Política e gestão florentina*. [Tradução de Renato Ambrosio] (Série Ciências Sociais na /administração, Departamento de Fundamentos Sociais e Jurídicos da Administração FGV - EAESP)São Paulo: FSJ, 2010.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo [Tradução de Maurícios Santana Dias]: Pinguin Classics Companhia das Letras, 1532 [2010].
- POLIBIO. *Historias*. Libros I – IV. [Tradução e notas de Manuel Blasch Recort]. Madrid: Editorial Gredos, 1981. (Biblioteca Clásica Gredos, 38).
- POLIBIO. *Historias*. Libros V – XV. [Tradução e notas de Manuel Blasch Recort]. Madrid: Editorial Gredos, 1981. (Biblioteca Clásica Gredos, 43).
- POLYBIUS. *The Histories*. Volume III. Books VI-VIII. [Tradução de W.R.Paton]. Cambridge, Massachusettes: Harvard University Press; Londres; William Heinemann, 1929. (Loeb Classical Library).
- QUINTILIANO. *Instituição Oratória*. Quatro volumes.1ª edição. [Tradução de Bruno Fregni Bassetto]. Campinas-Sp: Ed. UNICAMP, 2015.
- VIROLI, Maurizio. *O sorriso de Nicolau: uma história de Maquiavel*. [Tradução de Valéria Pereira da Silva]. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.